

Ariane P. Ewald (UERJ)

Outras pesquisas:

Título: *Fazer uma psicoterapia: por quê? para quê? Sentido e representações da demanda endereçada aos profissionais “psi”.*

Período: 2006-2008

Resumo: Nas três últimas décadas, o processo de globalização acelerou sua capacidade de expansão utilizando-se de novas e eficientes tecnologias de comunicação a serviço da lógica de uma modernidade tardia, hoje na sua feição “hipermoderna”, termo que define a situação paradoxal da sociedade contemporânea, dividida de forma esquizóide entre a cultura do excesso e a exigência de moderação. Este estado de excesso, que apresenta a constituição de novas formas de sofrimento psíquico, alcançou a área “Psi”, através da demanda por terapias que tragam algum tipo de cura, conforto e um resultado prático com o qual o cliente se sinta plenamente satisfeito. É este estado de excesso, de surto de demanda terapêutica e da constituição das novas modalidades de representação e expressão do sofrimento psíquico, que nos propomos analisar. Nosso interesse concentra-se na investigação de como, e em que medida, tais manifestações psicopatológicas podem fazer ecoar algumas das principais características da sociedade atual, bem como a maneira pela qual se traduzem as relações e a construção da identidade do indivíduo face às normas sociais e aos sistemas simbólicos contemporâneos. Não poderíamos deixar de interrogar as interações concernentes à expressão desta demanda e as características das ofertas em termos psicoterapêuticos, uma vez que a possibilidade de formular uma necessidade de ajuda e de se endereçar essa demanda a um tipo de profissional, nos parece ser tributária das representações que são construídas e divulgadas sobre o que é sofrimento psíquico, sobre a identidade dos interlocutores, bem como dos espaços potenciais de escuta e cuidado. Neste cenário hipermoderno, faz-se um apelo veemente à saúde, à prevenção, ao ascetismo e contenção de si e de seus desejos materiais, colocando em relevo a importância do reino de uma “espiritualidade perdida” a ser resgatada. Numa atualização histórica da expressão de suas angústias frente às demandas de si e do mundo este homem hipermoderno elabora, individual e coletivamente, novas formas de sofrimento psíquico. Torna-se assim crucial consumir algum tipo de terapia, não visando buscar um equilíbrio emocional que minimamente possa subverter esta lógica perversa, mas sim para reafirmá-la até mesmo no próprio ato de “consumo” desta(s) terapia(s).

Esta pesquisa está dividida em duas etapas. A primeira, objetiva compreender a demanda atual em psicoterapia a partir de dois eixos principais: O primeiro eixo, procura responder a questões abrangentes em relação às psicoterapias: Quais são os territórios e as representações da psicologia e da psicoterapia? Quais são os determinantes científicos, institucionais, de emergência do método psicoterapêutico na prevenção e como questão de saúde pública? Em que medida a emergência de uma normatividade da autonomia pode ser geradora de uma nova demanda de (novas formas de) psicoterapia? O segundo eixo procura explorar a especificidade da demanda propriamente dita, através de entrevistas semi-estruturadas que visam compreender o "mundo-do-cliente", seu "horizonte" de reflexão e seus referenciais.

Como modo de trabalho, utilizaremos a Fenomenologia que tem como centro a descrição da estrutura total da experiência vivida, bem como os significados que essa experiência tem para quem a vive. Desta forma, busca-se uma compreensão do vivido em que a trajetória de cada pessoa, em toda a sua singularidade, é fundamental para uma apreensão dos significados do seu viver, isto é,

compreender como chegou à idéia de fazer uma psicoterapia; qual o sentido que uma psicoterapia tomou/toma na sua vivência; quais as demandas expressas para uma psicoterapia; quais suas vivências em relação a seu sofrimento psíquico; que ações foram/são desencadeadas e que norteiam a noção de "doença". Os resultados deste estudo fornecerão um panorama crítico sobre a demanda em psicoterapia e a representação do sofrimento psíquico em nossa sociedade, através daqueles que estão vivencialmente envolvidos.

Título: *Cultura do Consumo e Subjetividade: mapeando a lógica da construção da modernidade.*

Período: 2003-2006

Resumo: O projeto visa examinar a emergente cultura do consumo que se formou no Rio de Janeiro no século XIX e que tinha como "pano de fundo", e sustentáculo, a força de um projeto de modernidade que se gestava entre nós naquele momento histórico. A partir da compreensão desta lógica de funcionamento da cultura do consumo que se instala, analisará, através de crônicas, dos "espaços diferenciados de consumo" e das propagandas veiculadas em jornais e revistas da época, a construção de uma nova dinâmica psíquica que poderá ser lida através das novas formas de apropriação do corpo, dos rituais da vida e da morte, da estetização do cotidiano, de novas expressões de construção identitária, de novos hábitos individuais e coletivos de alimentação e higiene, bem como das formas permanentemente atualizadas de consumo de luxo em contraposição ao emergente consumo de massa. Será também analisado o surgimento dos fenômenos das "multidões" em busca cada vez maior de inclusão social, visivelmente expressa em sua adesão à nova cultura do consumo que se instalava e aos novos estilos de viver à sobra das mercadorias sob a égide do progresso e da modernidade. É, por fim, essencialmente em torno da leitura das noções de progresso e modernidade que pretendo desenvolver esta pesquisa, tal como eram compreendidos e transformados em modos de ser e estar no mundo naquela época, e das conseqüências que produziam no jogo das convivencialidades emergenciais e das novas formas de sociabilidade que se instalavam no Rio de Janeiro no século XIX.